



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**VALTER BRACHT**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-612

**Entrevistado:** Valter Bracht

**Nascimento:** 21/02/1957

**Local da entrevista:** CEFD/UFES/ Vitória - ES

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 28/10/2015

**Transcrição:** Juliana Cros

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 36 minutos e 50 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE); Participação no II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte em 1981; Trajetória no CBCE; Divisão interna em 1981; Afastamento de grupos; Gestão no CBCE; Utilização dos termos Ciências do Esporte/Educação Física; Importância e definição do CBCE; Palavras Finais.

Porto Alegre, 28 de outubro de 2015. Entrevista com Valter Bracht a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, gostaria que começasse contando como você iniciou seu contato com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, o CBCE?

V.B. – Então, eu trabalhava no SESC<sup>1</sup> em Curitiba e aconteceria um evento muito grande em São Paulo, o Congresso Internacional de Medicina Esportiva, e nesse congresso compareceriam personalidades importantes da área. A secretaria do SESC incentivou a gente a ir a São Paulo e participar desse evento. Eu fui junto com outros colegas e esse foi um dos meus primeiros contatos com eventos, senão o primeiro, com eventos científicos. Nesse evento, além de grandes figuras internacionais, também apresentavam trabalhos algumas pessoas brasileiras entre eles o professor Victor Matsudo<sup>2</sup>. Também a esse congresso compareceu o professor Dartagnan Pinto Guedes e nos corredores do congresso, então, eu conheci também o CELAFISCS<sup>3</sup> que era exatamente o centro de pesquisas coordenado pelo professor Victor Matsudo. Literalmente agora, nos corredores tinha uma banquinha do CELAFISCS com Anais dos eventos do laboratório ainda datilografados e impressos em tinta de mimeógrafo. Fiquei curioso e fui ver a apresentação do Victor Matsudo. Me aproximei então ainda do professor Laércio<sup>4</sup>. Isso era 1979, logo depois disso foi criado o CBCE e através desse contato com o Victor Matsudo e com o professor Laércio, fiz então o contato com o próprio CBCE. Em 1981, bem no início, fui contratado pela Universidade Estadual do Maringá, quer dizer, saí do SESC em Curitiba e fui para Maringá trabalhar como o que a gente pode chamar hoje de professor substituto. Em 1981, exatamente no ano que eu fui para Maringá, aconteceu o segundo CONBRACE<sup>5</sup> em Londrina, ocasião na qual eu estreitei meus contatos com o professor Dartagnan Pinto Guedes e fui então apresentar trabalhos acadêmicos lá no congresso em Londrina. Nessa ocasião tive contato mais direto com o próprio CBCE; me filiei ao CBCE nessa época, participei da assembléia geral de sócios e aí já presenciei o primeiro racha dentro do

---

<sup>1</sup> Serviço Social do Comércio.

<sup>2</sup> Victor Keihan Rodrigues Matsudo.

<sup>3</sup> Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul.

<sup>4</sup> Laércio Elias Pereira.

<sup>5</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

CBCE. Estavam lá figuras importantes da área, o próprio Cláudio Gil<sup>6</sup>, o Osmar de Oliveira<sup>7</sup>, o Alfredo Faria Junior<sup>8</sup>, o Victor Matsudo, o próprio Laércio, essas pessoas que de alguma forma dirigiam o CBCE. Esse foi o meu contato inicial. A partir daí eu comecei a frequentar os eventos no CBCE e em um evento, já no ano de 1982, participando de uma reunião que aconteceu por ocasião de um congresso do CELAFISCS, fui indicado como representante, na época existia a figura representante do CBCE, no Paraná estando lá em Maringá. Em 1983 eu já estava fazendo o mestrado em Santa Maria<sup>9</sup>, fui então ao terceiro CONBRACE que foi em Guarulhos e lá então já influenciado por outras leituras etc, tivemos o contato com o Manuel Sérgio<sup>10</sup>. Eu o conheci em uma reunião. Nesse congresso numa assembléia geral do CBCE fiz algumas propostas a respeito da própria estruturação do CONBRACE. A partir daí tive um envolvimento político mais forte com o CBCE. Desde 1981 eu não deixei de participar de nenhum CONBRACE. Em 1985 participei daquele movimento que elegeu o Laércio depois a Celi<sup>11</sup>. Bom, em 1986 fui para a Alemanha, em 1987 o CONBRACE foi em Recife eu não tive a oportunidade de vir, mas vim para o congresso de Brasília que foi em 1989. Foi a partir da eleição realizada nesse congresso que da primeira vez participei da diretoria do CBCE compondo a chapa como diretor científico, para em 1991 assumir a presidência que exerci por dois mandatos.

C.M. – Em 1981 qual foi esse primeiro racha que você cita?

V.B. – Teve uma pequena divisão meio que interna, um grupo mais do Rio de Janeiro, outro mais de São Paulo. Na época eu não entendi bem o que foi, mas a verdade é que depois isso vai redundar em um certo colapso na direção do Cláudio Gil, porque na época existia a figura do presidente eleito. Se elegia uma diretoria que trabalhava com um presidente que tinha sido eleito antes, então havia um presidente e o Cláudio Gil era o presidente eleito que trabalhou com uma diretoria que parece que não estava muito afinada com ele; ele morava no Rio de Janeiro, uma parte da diretoria em São Paulo. Acabou que o Cláudio foi para os Estados Unidos fazer um estágio e o CBCE ficou meio que a deriva,

---

<sup>6</sup> Cláudio Gil Soares Araújo.

<sup>7</sup> Osmar Pereira Soares de Oliveira.

<sup>8</sup> Alfredo Gomes de Faria Júnior.

<sup>9</sup> Na Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>10</sup> Manuel Sérgio Vieira e Cunha.

<sup>11</sup> Celi Neuza Zulke Taffarel.

então o Osmar de Oliveira, o presidente eleito na sequência, foi lá buscou a secretaria no Rio de Janeiro e organizou o CONBRACE de 1983 em Guarulhos. A memória está me falhando, mas foi uma coisa assim. No entanto, realmente não tenho condições de te dizer exatamente como é que foi isso. A memória realmente me falha nesse momento e não tenho condições de relatar exatamente o que aconteceu. A verdade é que eu, em 1981 em Londrina, estava chegando eu não entendi bem, eu percebi essas divergências, teve debates na assembléia, mas eu não entendia bem politicamente o que estava acontecendo. Fui entender mais claramente isso a partir de 1983 com a participação na assembléia dando sugestões e foi em 1985 quando então se deu uma guinada, uma certa guinada na história do CBCE.

C.M. – Quando você se aproxima mais das Ciências Humanas, da discussão pedagógica?

V.B. – Então, como eu te falei, em 1981 eu apresentei trabalhos da Fisiologia e estava meio que dividido porque eu vinha lendo outras coisas; a primeira leitura mais crítica que eu fiz em Educação Física foi um famoso Folhetim da Folha de São Paulo (suplemento dominical do Jornal a Folha de São Paulo), que eu tenho guardado até hoje. São artigos da Maria Isabel de Souza Lopez, uma socióloga. Um dos artigos tem o título “Educação física ou repressão física?”. Mas, eu ainda estava muito influenciado pela perspectiva de compreender os processos fisiológicos que aconteciam durante os exercícios. Quando me transferi para Maringá, eu estava assim meio que dividido entre essas coisas. Quando fui fazer então o mestrado em Santa Maria logo, depois em 1982, eu estava na expectativa de dar continuidade nos meus estudos na área da Fisiologia, mas aí conheci outros professores, comecei a fazer outras leituras na área da Educação, tive uma grande frustração em relação a Fisiologia com o professor de Fisiologia de Exercício lá do programa. Além disso em 1983 saiu o livro do professor João Paulo Subirá Medina, “A Educação Física cuida do corpo e ... mente” que li de supetão e falei: “Pô, eu acho que o caminho é por aí”. Nesse meio tempo acabou sendo a minha orientadora no mestrado a Professora Maria Augusta Salin Gonçalves que me incentivou a pensar outras questões. Tive também como professor o Dr. Jürgen Dieckert, professor alemão que atuava como visitante no programa da UFSM da Pedagogia do Esporte e tive oportunidade de ter contato então já com uma literatura alemã, que mandei traduzir na época, para subsidiar os meus estudos de mestrado. Por aí comecei a perceber e percorrer um outro caminho. Eram

questões novas que se colocavam para mim e que me despertaram a curiosidade e achava que o caminho seria por aí. Aos pouquinhos então fui me afastando, digamos assim, dos estudos da área da Fisiologia porque elas efetivamente não me davam uma resposta para aquelas questões que aqueles autores colocaram para área. Então já no mestrado, nessa literatura que eu mandei traduzir, acabei me deparando com escritos do professor Bero Rigauer, que era professor de Sociologia do Esporte da Universidade de Oldenburg na Alemanha e que vai ser então meu orientador no doutorado.

C.M. – E no CBCE quando começam essas disputas, essa guinada?

V.B. – Então, eu acho que o congresso de Guarulhos em 1983 é meio que um momento central no início, porque nós tivemos a vinda do Manuel Sérgio que participou também de mesas, tivemos meio que um congresso paralelo com ele. O Medina<sup>12</sup> já tinha lançado o livro dele, estava lá o Lino<sup>13</sup>, a Carmen<sup>14</sup>, pessoas que estavam fazendo a pós-graduação na área da Educação que começaram a trazer essas discussões para a área da Educação Física. Foi na assembleia do CBCE que conheci o Lino; na ocasião fiz uma proposta e o único que foi a favor foi ele; depois foi vice e versa. Eu diria que aí começa a crescer o movimento dentro do CBCE. O Manuel Sérgio voltou para o congresso de 1985 em Poços de Caldas, em Minas Gerais, quando já se tinha um movimento mais forte, muito influenciado pela área da Educação, pela discussão da Pedagogia, Filosofia, etc. Em parte, esse movimento também foi influenciado pela Sociologia Crítica do Esporte; tinha também de Portugal alguma literatura mais crítica; Maria Isabel de Souza Lopez foi uma pessoa importante nesse processo e a professora Kátia Cavalcanti<sup>15</sup> que também trouxe a literatura francesa da Sociologia Crítica do Esporte. Isso tudo vai convergindo em um certo movimento com essas figuras, esses personagens, a ponto de então em 1985 no congresso do Poços de Caldas isso se manifestar politicamente. Até porque, vamos dizer assim, embora tenha havido disputa, o que acontece ali é que de alguma forma aquele núcleo duro do CBCE inicial, composto pelo pessoal da área da Medicina, da Fisiologia, eles estavam um pouco divididos e isso permitiu, vamos dizer assim, facilitou que um grupo mais ligado à

---

<sup>12</sup> João Paulo Subirá Medina, autor no livro “A Educação Física cuida do corpo e ‘mente’ ”..

<sup>13</sup> Lino Castellani Filho.

<sup>14</sup> Carmen Lúcia Soares.

<sup>15</sup> Kátia Brandão Cavalcanti.

Educação Física e mais influenciado pela área de humanas tivesse a oportunidade de assumir a direção e de dar a direção no sentido político e científico para a entidade.

C.M. – E nessa eleição de 1989, como foi a composição da chapa, vocês foram convidados, se reuniram no CONBRACE mesmo?

V.B. – Então, teve a gestão da Celi e como falei eu fui em 1986 para a Alemanha, então, não participei diretamente, mas tinha comunicação frequente com o que estava acontecendo, sabia o que estava acontecendo, trocava cartas de forma bem sistemática justamente com a Celi, com a Carmem também. Por isso, sabia o que estava acontecendo e o que estava acontecendo era um pouco isso, havia uma disputa forte em torno do entendimento do papel do CBCE, a discussão sempre foi em torno da dimensão política no CBCE. Havia por parte de um segmento um grande descontentamento em relação a esse engajamento político e a informação que me chegou é de que haveria uma tentativa de retomada por parte das pessoas, dos grupos que entendiam que o CBCE não deveria ter aquela postura política etc. que haveria uma tentativa de retomada de direção do CBCE na eleição que acontecia naquela época ainda durante o CONBRACE. Recebi um telefonema da professora Celi informando disso e então me convidando para compor a chapa e obviamente isso significava que eu precisaria vir ao Brasil para o CONBRACE ainda que eu não tivesse terminado o doutoramento. Em setembro de 1989 vim ao Brasil para participar do processo eleitoral e também do CONBRACE onde proferi uma palestra, mas vim basicamente para isso. As pessoas que organizaram a chapa, basicamente, foram Celi, o Aguinaldo<sup>16</sup>. O debate que aconteceu no CONBRACE girou em torno dos rumos do CBCE. Havia uma certa acusação, que se fez sempre, de que não era só uma politização num sentido mais amplo do termo, no sentido de dar uma direção política, ético política a entidade, mas havia uma acusação meio velada de uma certa partidarização e instrumentalização política e o grupo era fortemente contra isso. O debate girou fortemente em torno dessa questão. Apoiando a outra chapa estavam o próprio Victor Matsudo, na chapa estavam o Paulo Sérgio Chagas Gomes, o próprio João Batista Freire... Aconteceram dois debates durante o evento, antes da eleição, debates bem frequentados e acirrados e acabou que a nossa chapa venceu por uma margem pequeníssima e esse resultado teve

---

<sup>16</sup> Aguinaldo Gonçalves.



alguns desdobramentos importantes, uma das leituras que eu faço é que de alguma forma esse grupo meio que desistiu de militar no CBCE, meio que se retirou, se afastou porque perdeu, os grupos se afastaram, elegeram outros fóruns, outros mecanismos... Não lembro mais se já tinha sido criada, mas foi criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Educação Física, a entidade publicou inclusive acho que dois livros e depois desapareceu e o próprio Victor Matsudo reforçou o congresso que ele organiza historicamente em São Caetano já antes do CONBRACE, o próprio Tubino depois vai para o FIEP<sup>17</sup> e dá uma força enorme para a FIEP e vai se tornar presidente nacional da entidade. Um outro desdobramento foi que a USP<sup>18</sup> tinha se proposto a organizar o CONBRACE seguinte e nas negociações posteriores a gente não chegou a um acordo e por isso o congresso de 1991 que ia acontecer na USP vai acontecer na verdade na Universidade Federal de Uberlândia, meio que de última hora onde assumi então a presidência da entidade.

C.M. – E como foi a construção da sua chapa?

V.B. – Então, aí foram conversas internas a esse grupo que entendeu que era o momento de eu me candidatar a presidência. O Laércio sempre usava o argumento que seria o primeiro doutor em Educação Física que assumiria a presidência do CBCE. Naquela época a gente só tinha o doutorado em outras áreas, então ele dizia que isso era importante e etc. O Medina foi convidado para ser o vice-presidente e o Amauri<sup>19</sup> diretor administrativo etc. Começava a ter gente de Maringá também porque a sede sempre ia para onde estava o presidente, aliás até hoje. Mas, já naquela época não tivemos mais oposição, em função daquilo que eu comentei com você na primeira parte; eles meio que disseram o seguinte: “Bom, já que a gente não consegue dar a direção, então deixa eles tocarem do jeito que eles acham que devem tocar e a gente vai buscar outros caminhos”, depois um grupo cria aquele congresso luso brasileiro. O pessoal da atividade física e saúde mais tarde vai criar uma associação própria etc. A leitura que eu faço é um pouco a seguinte: eles achavam e havia uma certa aposta meio velada de que o CBCE não iria longe se esses grupos mais importantes saíssem e acabou que isso não aconteceu e a entidade se fortaleceu.

---

<sup>17</sup> Federation Internationale D'Education Physique.

<sup>18</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>19</sup> Amauri Bássoli de Oliveira.

C.M. – E quais as principais ações das suas gestões?

V.B. – Então, uma coisa importante na época foi um debate ideológico, essa questão da dimensão política do CBCE já estava em discussão fortemente internamente no grupo. Então, a ideia foi em termos políticos garantir a democracia interna, eu acho que o CBCE tinha uma forma de funcionamento bastante democrática e deveria ser mantida, e garantir a democracia interna significava garantir o pluralismo de ideias. Em termos políticos era isso, participar dos momentos das decisões políticas que afetavam a área. Foi o momento da discussão da LBD<sup>20</sup>, onde a gente tinha participação no Fórum Nacional de Educação da Escola Pública. Internamente um dos grandes desafios da minha primeira gestão foi fazer com que a revista retomasse a sua periodicidade, porque a gente entendia que a revista era e é um elemento central de divulgação do CBCE, quase que uma espécie de alma do CBCE. Assim, fizemos um esforço enorme para colocar em dia a revista. Tanto é que a gente publicou uma revista, acho que a doze (volume 12), que correspondeu aos números um, dois e três, era uma revista maior, com um número maior de artigos, o tema foi o lazer. Correspondeu aos três números de um ano para poder fazer com que a revista circulasse a partir daí então novamente. Nós não tínhamos condições financeiras, tanto é que nós tivemos que utilizar uma estratégia até então não utilizada, que foi vender espaço publicitário na revista para poder dar conta disso. O quadro de sócios era muito pequeno na época, quando eu recebi, tinha um cadastro grande, mas muito desorganizado e pouca gente... Tanto é que em janeiro de 1992, eu fiquei de alguma forma mandando bilhetes para os sócios pedindo para eles renovarem. A gente vinha discutindo também, a necessidade do CBCE liderar o processo de discussão de uma política científica para a área, essa ideia era fortemente defendida pelo Diretor Científico professor Aguinaldo Gonçalves. Desencadeamos então, um processo de discussão interna via secretarias para construção de uma pauta que pudesse servir de referência, como uma espécie de política científica da área e, vamos dizer assim, a conclusão final desse processo aconteceria no CONBRACE de 1993, em Belém do Pará, quando então a ideia era de numa assembléia final construir um documento, aprovar um documento, que fosse uma espécie de princípios. Não tínhamos muito claro como ou qual era o caráter desse documento ou o conteúdo dele, mas que fosse uma forma de indicar para as agências de fomento, etc. uma

---

<sup>20</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

direção, uma política científica para a área. É claro que já naquela época se dizia assim “Bom, que área é essa, Ciências do Esporte, da Educação Física, Ciência do Movimento?” essa era uma discussão muito forte na época, por isso também o tema do CONBRACE em 1993 foi “Educação física/esportes que ciência é essa?” e a partir dessa formulação que o CBCE passa a assumir essa denominação sempre nos seus documentos. A gente discutiu se devia mudar o nome, achou-se que não, mantivemos o nome, mas sempre se falava que nos documentos deveria aparecer Ciência do Esporte/Educação Física o que se mantém até hoje; essa ideia surgiu nessa época, em 1992. Então, basicamente foi isso: garantir o pluralismo interno, democracia interna, ênfase nas secretarias que era uma perceptiva que já vinha da construção democrática do próprio CONBRACE e as tentativas de formular uma espécie de política científica. E num plano mais doméstico, colocar a Revista. Conseguimos fazer isso bem mesmo, foi na segunda gestão quando o Kunz<sup>21</sup> então assumiu a revista. Esse foi o processo.

C.M. – E sobre essa denominação “Ciência do Esporte/Educação Física”, por que surgiu?

V.B. – Então, havia uma discussão assim: “Vamos mudar o nome do CBCE, vamos falar em alguma coisa como Sociedade Brasileira de Ciência do Movimento Humano, ou algo assim...” mas, já naquela época não tínhamos muita certeza de que esse era o caminho, assim fomos mais conservadores e mantivemos o nome. O que começamos a pressentir é de que o CBCE iria se tornar a entidade científica dessa área, na chamada Educação Física e aí também, uma posição pessoal, eu achava muito importante dar ênfase à expressão Educação Física, porque ela de alguma forma fazia com que essa vinculação com a escola, com a área da Pedagogia, fosse mais facilmente mantida se aparecesse o termo Educação Física no âmbito dos documentos. Porque havia uma forte tendência, como vejo hoje mesmo, de a Educação Física como prática pedagógica meio que ser negligenciada, tornando essas outras áreas mais fortes. Por isso mantivemos a Educação Física, até porque, vamos dizer assim, isso indica que essa entidade científica é representativa também da Educação Física. A ideia inicial de Ciências do Esporte era, na verdade, a de que a entidade congregaria profissionais de várias áreas que estivessem interessadas em fazer pesquisas sobre o esporte, mas já desde o início o esporte enquanto fenômeno não era

---

<sup>21</sup> Elenor Kunz.

o foco único, pois todas as outras atividades físicas faziam parte. Essa questão conceitual ou de demarcação da área sempre foi muito difícil de ser resolvida. A fórmula que a gente encontrou “menos ruim”, foi a de manter o nome em função da história, da tradição etc. Mas, por isso sempre a presença do termo Educação Física; para deixar claro que teve relação com essa prática e ampliar esse espectro.

C.M. – E agora professor para terminar, como você definiria o CBCE?

V.B. – Definir o CBCE? Eu acho que uma vez eu definiria assim: “É uma entidade quase impossível, mas necessária” é um pouco isso. Considero que o CBCE tem um papel, está tendo, um papel fundamental, estratégico e político no desenvolvimento do campo. Desse campo que é conhecido como campo da Educação Física, mas que tem também outras denominações que concorrem com ela, por exemplo Ciências do Esporte. Por alguma razão, as agências de fomento adotam oficialmente o termo Educação Física. Daí acaba sendo essa a denominação. Eu diria que o CBCE representou, simbolizou e foi um instrumento de resistência e de contra hegemonia em termos do entendimento de ciência nesse campo; sempre foi e acho que ainda hoje o é. Diria que sem o CBCE, nós não teríamos um instrumento que permitisse manter essa bandeira forte e, por exemplo, se considerarmos a área pedagógica, de alguma forma ter uma forte influência sobre os rumos da Educação Física escolar brasileira. Por exemplo, o conceito de cultura corporal de movimento, que hoje de alguma forma é aceito e adotado talvez com uma ou outra resistência, mas de que alguma forma como uma espécie de senso comum da área, na sua disseminação o CBCE foi fundamental: seus fóruns, os seus pesquisadores vinculados etc. Foi fundamental nesse sentido também a revista. Por isso, o CBCE tem um papel político importantíssimo nesses processos. Ainda hoje ele tem um papel fundamental não só na veiculação do conhecimento, mas também de um tipo de conhecimento, valorizando uma determinada forma de fazer ciência. Sem essa entidade nós teríamos tido muito mais dificuldade de manter esse debate, de colocar essa posição, esse entendimento, no conjunto das posições que circulam na área. Considero que esse é um movimento meio que impossível, porque ele é contra hegemônico, portanto, tem dificuldades de se fazer, de se construir etc. mas é absolutamente necessário, exatamente para manter essa tensão, para garantir essa posição viva no campo. A minha hipótese é que se o CBCE não existisse nós teríamos uma homogeneidade muito maior no campo da produção acadêmica, tudo que nós

temos hoje, essa tensão que está no campo, essa pluralidade etc. tem muito a ver, eu acho, com a existência e vida do CBCE.

C.M. – Professor, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar e até como você continuou no CBCE?

V.B. – Então, é claro que depois de duas gestões (1991-93 e 1993-95), que são bastante desgastantes, o engajamento já não é o mesmo, mas, me mantive presente, participei de todos os CONBRACES, faço questão de participar das assembleias para acompanhar e todas as vezes que eu sou de alguma forma convidado ou convocado para alguma ação do CBCE, me faço presente. Entendo isso também como uma posição política; não me cabe retomar nem a direção, nem qualquer outro cargo nesse sentido, pois entendo que isso não seria bom para a própria entidade. No entanto, continuo acompanhando e achando, como já coloquei, que o CBCE é e continua tendo um papel importante no campo, que é importante que ele se mantenha vivo e forte. Vida longa ao CBCE!

C.M. – Então é isso professor, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]